

CARTA DO EDITOR

O lançamento de uma nova edição do **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Naturais** sempre proporciona satisfação a quem o produz. No caso do v. 13 n. 1, boa parte deste contentamento deve-se ao fato de ele ser composto por um conteúdo com grande diversidade de assuntos. Aqui, estão sendo publicados artigos nas áreas de zoologia, botânica, etnobiologia, história da ciência e ciências da terra.

Falando em diversidade, o primeiro artigo que compõe o sumário deste número é de autoria de Maciel & Hoogmoed e traz uma grande contribuição para o conhecimento da biodiversidade amazônica: a descrição de uma nova espécie de cobra-cega da Guiana Francesa (ver a imagem da capa da edição). Este animal, no entanto, não é uma cobra, muito menos um lagarto sem membros, pertencendo a um grupo de anfíbios (grupo composto pelos sapos, rãs, pererecas, salamandras e cecílias) denominado de Gymnophiona, o qual é formado por espécies alongadas, semelhantes a serpentes ou a minhocas que vivem em rios ou no solo. As espécies deste grupo também são conhecidas como cecílias ou, na região amazônica, como muçum-preto ou xibuí.

Na área de botânica, no segundo artigo desta edição, de autoria de Bittrich & Marinho, a discussão está centrada no nome científico de uma espécie de planta e na necessidade de utilização dos termos corretos, com consequentes alterações quando necessário. Baseados em uma regra do “Código de nomenclatura para algas, fungos e plantas”, estes autores propuseram que o nome científico de uma espécie vegetal a ser utilizado deve ser *Garcinia leptophylla*, em substituição a *Rheedia longifolia*.

O terceiro artigo do sumário, de autoria de Toledo, também versa sobre o nome de espécies. Aliás, o hábito de nomear os seres vivos, principalmente os mais importantes para os seres humanos, é muito antigo. Nesta contribuição, o autor fez uma análise onomatológica de animais e de plantas mais relevantes no dia a dia dos homens do campo na Grécia Antiga, mencionados no poema intitulado “Os trabalhos e os dias”, de Hesíodo, do século VIII a.C. Ele demonstra que muitos dos nomes e de seus derivados que constam nesta obra têm sido utilizados por vários autores, da antiguidade até os dias atuais.

Na fronteira entre as áreas de zoologia e de etnologia está o artigo de Côrtes e colaboradores, no qual foram apresentados os resultados de um estudo realizado com uma comunidade de catadores de caranguejo-uçá no Rio de Janeiro, área onde foi implantado um novo método de coleta de crustáceos. A armadilha, conhecida como ‘ratoeira’ (devido à semelhança do artefato com ratoeiras artesanais), permite a captura de espécimes vivos, oportunizando a seleção dos animais por sexo e por tamanho para fins de comercialização. Essa atividade, no entanto, pode causar a diminuição drástica de populações do principal crustáceo extraído economicamente nos manguezais brasileiros, culminando em extinção total ou local. Dessa forma, neste trabalho, os autores discutem a necessidade de criação de normas para a exploração adequada da espécie, com o intuito de garantir a sua sobrevivência, levando em consideração que em algumas épocas é proibida a coleta de espécimes pequenos e de fêmeas com ovos.

Ainda sobre o tema de conservação de espécies, o artigo seguinte, de autoria de Silva e colaboradores, apresenta um método de multiplicação rápida *in vitro* do pau-ferro, por meio do qual é possível realizar o melhoramento

genético e a preservação de germoplasma. Os autores discutem a ameaça de extinção de pau-ferro ou jucá (*Caesalpinia ferrea*), causada pela extração ilegal e descontrolada desta planta, uma vez que, por ser medicinal e amplamente utilizada no tratamento de úlcera gástrica, asma, bronquite, febre, anemia e diabetes, geralmente é procurada na natureza. Esta extração pode causar a erosão genética e a perda de algumas variedades desta espécie, problema para qual o artigo busca propor solução.

Tratando também sobre plantas, o sexto artigo do sumário, de Becker e colaboradores, traz informações detalhadas sobre substâncias que compõem o açaí (*Euterpe oleracea*), o buriti (*Mauritia flexuosa*) e o inajá (*Maximiliana maripa*). Além de serem uma das principais fontes de alimento para os seres humanos, as plantas fornecem materiais com propriedades medicinais. O artigo informa que os frutos destas palmeiras possuem várias substâncias que podem ser utilizadas para a produção de novos cosméticos e medicamentos, objetivando avaliar as composições bromatológicas, os teores minerais, os compostos bioativos e a capacidade antioxidante destes frutos.

Na área de ecologia, o detalhado estudo de Ribeiro Filho e colaboradores, realizado em uma área de mata atlântica em uma comunidade quilombola de São Paulo, resultou no sétimo artigo desta edição, e trata da dinâmica da fertilidade do solo na agricultura itinerante na área estudada. As queimadas, empregadas por várias razões, são uma das principais ameaças aos ecossistemas. O artigo fala sobre um dos métodos utilizados pelos agricultores para a preparação da terra para o cultivo, que consiste em cortar e queimar a vegetação para aumentar a fertilidade do solo. No entanto, os autores afirmam que não há consenso entre os especialistas quanto à real eficiência deste método, informando que o fogo não tem papel primário na ciclagem e na manutenção dos nutrientes.

Saindo das queimadas para o desmatamento, outra grande ameaça à biodiversidade, a edição conta com o artigo de Coelho e colaboradores, que debate sobre os impactos das mudanças de uso da terra em áreas prioritárias para conservação da biodiversidade no estado do Pará. Muitas áreas da Amazônia já tiveram grande parte da cobertura vegetal original removida, este é o caso da Mesorregião Nordeste do Pará (MNP), foco deste trabalho, a qual possui 56,4% do território desmatado. A área total desta região é de 83.315 km², sendo composta por 49 municípios, distribuídos pelas microrregiões Bragantina, Cametá, Guamá, Salgado e Tomé-Açu. Apesar de estar em uma área sob intenso impacto antrópico, ela é muito importante para a manutenção da biodiversidade, pois possui 28 áreas prioritárias para a conservação (APC). Por isso, os autores identificaram e quantificaram a cobertura vegetal e o uso da terra na MNP e, posteriormente, compararam com as APC. Com isso, eles verificaram que 55,6% da sua cobertura florestal já foi perdida nas áreas classificadas como de prioridade 'extremamente alta', e que somente 3% das APC estão sob algum tipo de proteção. Estes dados indicam a necessidade urgente de aumentar a proteção ambiental na região.

O último artigo desta edição é da área de Ciências da Terra. A região de Carajás, localizada no sul do Pará, é conhecida mundialmente por suas ricas jazidas minerais, principalmente de minério de ferro. No artigo de autoria de Cabral e colaboradores, foram apresentados os resultados de estudos petrográficos, geoquímicos e isotópicos, fundamentais para entender o processo de formação das cavernas e a sua relação com a formação do minério de ferro.

Finalizando o v. 13 n. 1, são publicadas duas notas de pesquisa, relatando o comportamento de vertebrados e de invertebrados. O texto de Moreira relata o primeiro embate físico entre duas fêmeas do mutum-de-penacho (*Crax fasciolata*), que culminou na morte de uma delas, um espécime possivelmente jovem. Embates físicos são mais

comuns entre os machos de uma mesma espécie, sendo pouco documentados entre fêmeas. Já a nota científica de autoria de Gorayeb & Campos, que encerra este sumário, descreve o curioso e inédito ataque de duas espécies de mutucas ao lagarto teiú. Uma das espécies parece ter preferência pelo sangue deste réptil, já que, em observações previamente publicadas, ela não conseguiu se alimentar de sangue de outros vertebrados.

Por fim, gostaria de agradecer a todos que contribuíram direta ou indiretamente durante o processo de preparação desta edição, em especial aos avaliadores dos artigos, pertencentes a várias instituições do Brasil e do exterior. Sou profundamente grato ao Dr. William L. Overal, pela leitura e correção dos textos em inglês, e a Rafaela Lima da Silva e a Talita do Vale, pela editoração.

Fernando da Silva Carvalho Filho

Editor Científico